

JORGE MARTINS
28.01.2023 | 18.03.2023

CAMPOS E ADÁGIOS

Adagio-Largo

Há uma frase de Jorge Martins, em que o artista afirma: "desenho como quem escreve aforismos". Essa declaração pode ser extensível à sua restante actividade quer no campo da pintura, quer no território da escultura, quer ainda na prática da fotografia. Cada trabalho é uma máxima, uma proposição, um axioma, um adágio. Trata-se sempre de afirmar o primado da obra de arte enquanto motor do pensamento.

É do artista norte-americano Philip Guston, o aforismo: "A pintura é uma ilusão, um pedaço de magia, assim aquilo que vêes não é aquilo que vês". A partir desta frase, podemos inferir que qualquer obra tem tantas interpretações quantas aquelas formuladas pelos seus espectadores. Será assim mesmo? Tenho as minhas dúvidas.

A exposição "Campos e adágios" nasceu num ápice. Esta aparência deve-se apenas ao tempo que mediou entre o convite feito a Jorge Martins e a inauguração: um mês e meio. Há porém a necessidade de ter-se em conta outros factos, como o de ter visto a exposição ainda patente na Fundação Eugénio de Almeida, em Évora, e o de o artista ter no seu ateliê obras disponíveis para responder ao desafio.

O diálogo foi muito rápido e estimulante: a exposição ficou fechada numa manhã, durante cerca de duas horas de trabalho no ateliê de Jorge Martins, em Lisboa, que me facilitou a vida ao ter preparado uma série de pinturas como possíveis escolhas para a mostra. A sua selecção incluía obras de diferentes períodos, às quais apenas acrescentei uma pintura que ficou de fora durante a montagem de Évora: "Slow perception" (2014).

Assim, a exposição divide-se em dois momentos claramente distintos, na sala do piso térreo da galeria, revelam-se cinco pinturas, a grande maioria de teor abstracto, que, através de um lenta percepção, podem revelar inesperadas dimensões: campos quânticos, ambientes fantasmáticos, adágios musicais.

Tudo muito equilibrado quer em termos compositivos, quer na dimensão técnica, quer ainda na relação entre a forma e o conteúdo, unidos por campos de força metafísicos: são aforismos estas pinturas e não deixam de ser também partituras, frases cromáticas, impulsos desejantes.

JORGE MARTINS
28.01.2023 | 18.03.2023

Durante o tempo de preparação desta exposição, encontro-me a ler "Infinite resignation", de Eugene Thacker, no qual o filósofo norte-americano inclui um capítulo significativo dedicado aos "santos padroeiros do pessimismo", no âmbito do qual são reunidos aforismos destes autores (Chamfort, Cioran, Lichtenberg, etc.).

Num dos adágios citados por Thacker, apropriado de uma entrada escrita por Joseph Joubert num dos seus cadernos, lê-se: "Sou uma harpa aeólica. Nenhum vento passou através de mim."

A pintura de Jorge Martins é para ser observada lentamente de forma a dar espaço para que o silêncio apareça para nos iluminar.

Na cave da galeria, é apresentada uma escolha de uma série de acrílicos sobre papel, datados de 2010 e antes apresentados no âmbito mostra "Interferências" (Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa, 2017).

"Quanto mais próxima duma partitura musical for uma obra de arte, mais 'eterna' ela será!" (Jorge Martins).

Termino a carregar na tecla "play" do comando da aparelhagem: "Duplo concerto, Op. 27/2: IV", de György Kurtág.

As cores e tons das pinturas de Jorge Martins percorrem o meu corpo.

Óscar Faria